

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeror, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

DRA. ERMELINDA DE SÁ .	Amarante.
CHRONICA FLUMINENSE . . .	A.
VEN ! .	Paulo Augusto.
VOLUNTARIO ! .	A. Inglez de Sousa.
LYRICO .	Antonio Lima.
O BUSTO	Placido Junior.
ARDIL	Arthur Azevedo.
MORTE DE AMOR	C. Bruneto.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
CONSELHO	Padre Correia de Almeida.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

MOREIRA SAMPAIO

DOUTORA ERMELINDA DE SÁ

E' filha legitima do major Joaquim Lopes de Vasconcellos e de D. Firmina Lopes de Vasconcellos, já fallecida.

Nasceu a 23 de Setembro de 1866, na capital do Rio Grande do Sul, e veio para a cidade do Rio de Janeiro em Novembro de 1874.

Só pôde entrar para a aula de instrucção primaria no anno de 1877, já com a idade, portanto, de onze annos, em virtude de ter vista muito fraca, e isso impossibilita-a de entregar-se a qualquer estudo.

Em 1880 matriculou-se na Escola Normal, de onde sahio no fim do anno seguinte com o diploma de professora, havendo alli obtido a nota de distincção em quasi todos os exames que prestou.

Depois de ter estudado, sempre com aproveitamento, as materias preparatorias, linguas e sciencias, necessarias para a matricula na Faculdade de Medicina, submetteu-se aos respectivos exames e, approvada em todos elles, resolveu conquistar um diploma de doutora n'essa Faculdade.

Não obstante a sua já comprovada aptidão e o seu irresistivel pendor para os mais serios estudos, não faltaram ponderações de parentes e amigos da familia quanto á natureza do seu empreendimento. Amparada, porém, mais que tudo, pela animação que encontrou em sua virtuosa mãe, depois a quotidiana e nunca fatigada companheira de sua presença em todas as aulas, gabinetes, amphitheatros e laboratorios da Faculdade, pôde ver a sua alta aspiração realizada da mais brilhante maneira.

Matriculando-se alli em 1884, fez saliente figura em todos os cursos, quer theoreticos, quer praticos, merecendo sempre as mais honrosas e significativas demonstrações do subido apreço em que eram tidas por seus mestres a robustez de sua intelligencia, a constancia de sua effcaz applicação a arduos estudos e a sempre correcta linha de seu proceder. Treze distincções nos exames de todas as series lectivas, de clinicas e de these, justificaram sobejamente o seu arrojado e não commum intento de ser, como em tudo o conseguiu, a primeira, entre as do seu sexo, que alcançasse uma carta de doutora em medicina pela mais importante Faculdade do nosso paiz.

Em Dezembro de 1888 foi-lhe conferida essa carta, n'um solemne acto de doutoramento, convido ainda notar que, estimulada pelo afan de abreviar a terminação de sua carreira academica, propoz-se, com o melhor exito, resultante da elevação de sua mentalidade, a estudar no espaço de um anno todas as difficeis materias que em dous constituem os competentes cursos.

Em 1889 casou-se com o Dr. Alberto de Sá, intelligentissimo e já bem reputado clinico, gynecologista e parteiro, seu contemporaneo na Faculdade, filho do emerito jornalista e medico, Dr. Gustavo de Sá.

Dedicando-se, no exercicio da profissão medica, ás especialidades mais compatíveis com o seu sexo, não tardou em ver-se procurada pela confiança das familias, que se felicitam de poder chamar para o intimo de seus lares, em momentos bem criticos para as garantias da existencia e bem melindrosos

para as isenções do pudor, a quem ha sabido responder cabalmente a essa confiança. Effectivamente, a nossa notavel compatriota conta em cada cliente uma fervorosa e convicta propagandista da sua pericia profissional, revelada em innumerados e arriscados casos morbidos sujeitos ao seu tratamento, ou medico ou cirurgico.

A' revelia de serem proclamados seus triumphos clinicos por publicações que os tornassem ainda mais conhecidos e exprimissem expansivos protestos de gratidão, para as quaes tem ella recusado consentimento, sua reputação de habil, felicissima e desvelada medica especialista em gynecologia e partos, vae-se alastrando dia a dia por todas as classes da sociedade.

Nossos parabens e reverencias á illustre brasileira, cujo retrato honra hoje a galeria do *Album*.

AMARANTE.

Henrique de Mesquita nasceu em 1836 e não em 1848, como por engano se disse no «esboço biographico» publicado no ultimo numero do *Album*. No mesmo «esboço» não se mencionaram as composições sacras do nosso *maestro*, que são estimadissimas.

CHRONICA FLUMINENSE

Durante a guerra franco-prussiana, um cego vendia jornaes em Pariz, apregoando noticias de tal batalha em que haviam morrido tantos allemães. Alguem que passava perguntou ao cego porque não dizia tambem o numero dos francezes mortos, e elle respondeu que isso competia aos cegos de Berlim.

O conto póde ser applicado ás noticias que chegam do Rio Grande do Sul: os revolucionarios dizem uma coisa e o governo outra; no frigidus dos ovos é que se ha de ver a manteiga... Por enquanto nem esperanças temos da terminação d'essa guerra incoherente e estúpida, de brasileiros contra brasileiros.

*

Os ultimos echos do Ensilhamento são tiros de revólver .. Vi passar ha tres ou quatro dias o enterro do corretor Manoel Souto, que se suicidou... porque? Ninguem o sabe, ninguem o diz! « Alguma roedela de corda... », disse-me um amigo muito entendido em patifarias da Bolsa, a quem perguntei se sabia o motivo que levou o infeliz a « commetter esse acto de desespero », segundo a fórmula consagrada pelos cosinheiros da imprensa.

Na epoca profundamente dolorosa que atravessamos, entre magoas e sobresaltos, já não nos im-

presiona um suicida. Quando o pobre diabo cae morto, paramos um momento diante do cadaver, por mera curiosidade, e afastamo-nos d'alli desdenhosamente, com um movimento de hombros: « Ora adeus! morreu porque quiz matar-se, e o que vae por gosto regala a vida! »

*

Manoel Souto era filho de uma victima illustre do ouro, aquelle famoso banqueiro cuja quebra em 1864 — ingenuos tempos em que os banqueiros quebravam! — assumio proporções incommensuraveis, e produziu em todo o paiz o effeito de uma enorme bomba de dynamite. N'esse tempo, o suicida d'esta semana era um menino de sete ou oito annos, mas já trazia no sangue a fatalidade que mais tarde havia de arrastal-o a uma desgraça maior ainda que a de seu pae.

*

Outro morto... Esse não se suicidou. Teve paciencia. Esperou serenamente pela morte durante longos invernos. Que idade tinha? Não sei. Ha vinte annos, quando sahi do Maranhão, elle já era bem velho. Devia ter mais de oitenta annos.

Chamava-se Ignacio José Ferreira, e foi o fundador do *Publicador Maranhense*, folha que durou de 1842 até 1886, e cujo primeiro redactor-chefe foi o grande João Francisco Lisboa.

*

Ha muitos annos appareceu no Maranhão um rapaz, que tambem se chamava Ignacio José Ferreira, e, para se não confundir com o proprietario do *Publicador*, accrescentou ao seu nome o appellido *Maranhense*, comquanto fosse filho do Ceará. Esse individuo veio para o Rio de Janeiro, e aqui se tornou famoso. É o celebre *Maranhense*, o legendario *Vate do Bacanga*, de quem se contam as mais engraçadas falcatruas, na maior parte inventadas.

Faço esta declaração para que todos saibam que o Maranhense não era maranhense, mas cearense. O Paula Ney que tenha santa paciencia.

A.

Recebemos os dous primeiros numeros de *Revue medico-chirurgicale du Brésil*, importante publicação fundada e dirigida pelo sympathico Dr. A. Brissay, collaborada pelos Drs. Domingos Freire, Carlos Costa, L. da C. Feijó Junior e Rodrigues dos Santos.

Recebemos tambem um livro velho de que escusamos fallar, os *Contos de um dilettante*, do sr. Alexandre Gasparoni, e um livro novo de que não fallaremos, o *Aborto*, do sr. Figueiredo Pimentel. Este ultimo é editado pelos srs. Quaresma & C., proprietarios da Livraria do Povo.

Agradecemos.

VEM!

Escrupulos?... Escrupulos!... Tolice...
Corre a meus braços! Vem! Não tenhas pejo!
Traz o teu beijo ao encontro do meu beijo...
E deixa-os lá dizer que isto é doidice!

Não esperes o gelo da velhice,
Não suffoques o lubrico desejo
Que nos teus olhos humidados eu vejo!
Foges de mim?... Farias mal?... Quem disse?...

Ora o dever! — o coração não deve!
Não creias que um sincero amor ultraja
Reputação de arminho, alva de neve.

Vem! Que o teu sangue férvido reaja!
Amemo-nos, meu bem, que a vida é breve,
E outra vida melhor talvez não haja...

PAULO AUGUSTO.

O Sr. Dr. A Inglez de Sousa, mais conhecido na litteratura nacional pelo pseudonymo illustre de *Luiz Dolzani*, tem no prelo os *Contos amazonicos*, livro a que sem duvida está destinado um grande exito artistico.

O autor, cedendo graciosamente ao nosso pedido, consentio que regalassemos os leitores do *Album* com o seguinte fragmento inedito de um dos melhores contos da collecção.

VOLUNTARIO!

(EXCERPTO)

Começou logo o embarque dos recrutados.

Eram vinte rapazes tapuyos os que a autoridade obrigava a representar a comedia do voluntariado. Vi-os sahir da cadeia, entre duas filas de guardas nacionaes e encaminhar-se para o porto, seguidos dos parentes, dos amigos e de simples curiosos.

Iam cabisbaixos, uns corridos de vergonha, como criminosos obrigados a percorrer as ruas da cidade nas garras da justiça; outros resignados e imbecis como bois caminhando para o matadouro; outros ainda procurando encobrir sob uma jovialidade triste as amarguras intimas; todos marchando machinalmente, alheios ao que se passava e dizia em redor de si, e offerecendo um aspecto de apathia covarde e idiota. Vestiam calça e camisa de algodão riscado, a mesma roupa com que uma semana antes harpeavam pirarucús ou plantavam mandioca nas roças da beira do rio. Alguns, aquelles de quem se desconfiava, por mais valentes e ageis, traziam algemas.

As portas e as janellas das ruas por onde passava a nova leva de recrutados, estavam apinhadas de gente. As mulheres e as crianças corriam a vel-os

de perto, conservando-se porém a uma distancia respeitavel dos guardas nacionaes, que marchavam pesadamente, acanhados, vestidos na sua jaqueta de velho panno azul, quasi vermelho, e vexados com a comprida bayoneta collocada muito atraz, a bater-lhes os rins n'um compasso irregular, conforme com os accidentes das ruas mal calçadas. O povo commentava o caso, analysava a physionomia dos novos soldados, d'aquelles heroicos defensores da Patria, carneiros levados em récuca para o «çougue»

As exclamações cruzavam-se, as pilherias atravessavam a rua e cahiam duras como pedras sobre as cabeças impassiveis dos guardas nacionaes, pobres operarios, honrados roceiros, arrancados á officina ou á lavoura para guarnecerem a cidade e fazerem o serviço da policia ausente. Outras vezes eram lamentações e condolencias da sorte d'aquelles pobres diabos que nem sabiam n'aquelle momento se voltariam a ver a terra adorada do Amazonas.

Os coromins annunciavam os recrutados á medida que se aproximavam:

— Os voluntarios! Os voluntarios!

— Voluntarios de pão e corda! disse causticamente o vigario padre Pereira, fumando cigarros á porta d'uma loja.

Já mais adiante os coromins repetiam n'uma ironia inconsciente:

— Os voluntarios, olha os voluntarios!

Os recrutados caminhavam sob um sol ardente, seguidos das mães, das irmãs e das noivas, que soluçavam alto, n'uma prantina desordenada, chamando a attenção do povo. Os homens iam silenciosos como se acompanhassem um enterro. Ninguém se atrevia a levantar a voz contra a autoridade. Se a fuga fosse possivel, nenhum d'aquelles homens deixaria de facilitá-la. Mas como fugir em pleno dia, no meio de tantos guardas nacionaes armados e prevenidos? Nada, mais valia resignar-se e soffrer callado, que sempre se lucrava alguma coisa.

Chegaram ao porto e avistaram o vapor que fumegava, prestes a partir. As canoas que os deviam conduzir para o paquete estavam promptas. Começou o embarque em boa ordem. Nenhum dos recrutados abraçou amigos e parentes; os adeuses trocaram-se com os olhos e com as mãos, de longe.

Quando as canoas largaram da praia, as mulheres romperam n'um clamor; e os tapuyos, acorados ao fundo da igarité que os separava da ribanceira, seguiam com a vista a terra que recuava, fugindo d'elles. Tinham os olhos seccos, mas amortecidos. Um deixava n'aquella saudosa praia a mãe doente e entrevada, arrastada até alli para soluçar a ultima despedida ao filho que partia para a guerra. E o voluntario, resignado á morte com que contava nos sertões do sul, tinha o coração apertado, pensando na miseria em que deixava a velhinha, obrigada d'alli em diante a viver de esmolas. Outro pensava na sua roça nova, aberta pelo São João, havia seis mezes apenas, com tanto amor e trabalho, e que seria dentro em breve pasto de capivaras dam-

ninhas e de macacos gulosos ; ou na montaria de pesca, abandonada no porto, para presa do primeiro ladrão que passasse. Este sonhava com as longas horas de immobildade anciosa, nas brumas da ante-manhan, de pé na canoa, esperando o primeiro respirar do pirarucú possante ; aquelle com a gentil namorada, tanto tempo cobiçada e quasi noiva, que não teria paciencia para esperar-lhe a volta incerta. E todos pallidos, desesperados, sombrios, sentiam, no momento supremo da separação, que tudo estava perdido, e a morte, uma morte terrivel e mysteriosa, os esperava lá nas terras em que dominava o monstro do Paraguay, devorador de carne humana.

A. INGLEZ DE SOUSA.

LYRICO

Venho cheio de esperança,
Com meus olhos rasos d'agoa,
Teu amor pedir, criança,
Por minorar esta magoa.

O que te peço é tão pouco,
Tão simples p'ra que m'o negues...
Não queiras que eu fique louco!
Meu doce amor, não me cégues!

Teu coração é problema,
E' martyrio o meu affecto ;
Teu olhar faz com que eu trema
Do seu mysterio secreto.

Enlevas-me quando fallas,
Quando sorris me seduzes ;
Teu corpo é côr das opallas,
Teus olhos são duas luzes.

O meu amor é tão santo,
Tão cheio de dissabores...
E descrês d'este meu pranto,
E descrês das minhas dores!

No entanto é tão grande a pena,
Tão grande o pezar que sinto,
Ao ver-te olhâr-me serena
E a blasphemar que te minto!

E inda mais profunda accendes
Dentro em mim do amor a lava,
Fingindo que não comprehendes
A magoa dest'alma escrava.

Dormirei sem pezadellos,
Que são do somno os abrolhos,
Vendo a noite em teus cabellos,
Vendo o dia nos teus olhos,

Quero amar-te dia a dia,
Ser amado hora por hora,
Chorar depois da alegria,
Rir da tristeza de agora.

E nesses momentos vagos
Em que despontam desejos,
Encher-te o corpo de affagos,
Encher-te os labios de beijos.

ANTONIO LIMA.

O BUSTO

A OSCAR ROSAS

Era estatuario. Velho. Soffria muito.

Todos os dias, ao pôr do sol, quando a penumbra do crepusculo, vaga, indecisa, entrava pelo *atelier*, dando fórmas bizarras, phantasticas aos bustos esparcos, aos blocos informes, o pobre artista chorava.

As janellas, sempre abertas, deixavam á caricia da viração da tarde aquella cabeça branca de martyr, como um floco de neve pura.

Soluçava.

A'quella hora que nostalgia lhe invadia a alma, que terroroso tedio lhe tomava os pensares!

E isso todas as tardes, por todos os crepusculos, agarrado a um retrato, onde se esboçava, n'um fundo escuro de photographia, a imagem branca de uma criança primaveril e languida.

Era a filha, a sua adorada filha, um pedaço de sua alma.

E perdera-a para sempre... morta, n'um pequenino tumulo tão branco como a sua saudade, lá, ao longe, no cemiterio, proximo a uns pés melancolicos de casuarinas em flor.

Quinze annos, tão moça, a mais bella das filhas, a mais risonha das crianças, como feliz, contente, arrimava-o pelo trilho da vida, com a ingenuidade santa do seu sorriso, com a transparencia fulguerosa do seu olhar de onix !...

E alli estava elle, o artista, uma grossa lagrima na barba, esmagado por aquella saudade como todos os dias, quando ia buscar o retrato, para o beijo sagrado das recordações eucharisticas.

N'aquelle dia a dor tomara-o mais forte que nunca.

Era o dos annos d'ella.

Que tortura o não vel-a agora!

Atirou o olhar pelo passado ; recordações vieram pressurosas.

Sempre era o seu o primeiro presente, logo pela manhan, quando ella vinha tomar-lhe a bençam.

Sempre o primeiro ; ás vezes era apenas um beijo, beijo por onde ia a sua alma para a da filha, beijo de todo o seu amor, de toda a sua crença.



DRA. ERMELINDA DE SA

E aniquilado chorava.

— Que lhe havia de dar hoje?

Uma saudade apenas. E quedou soluçando, sem um gesto, petrificado. Pelo rosto macilento, fios de lagrimas corriam.

Bruscamente, porém, como se lhe chegasse de longe um pensamento, tomou o retrato, disse umas coisas intimas, imperceptiveis, fitou-o perto dos olhos, mais longe, mais para a luz, mais para a sombra, e depois, n'uma resolução inabalavel, tomando a um canto um bloco branco de marmore, o mais branco de veios azulados, firmou-o num pedestal.

Ia gravel em marmore; seria uma tortura, seria; embora: ficaria o seu anjo alli, ao seu lado, eternamente, como uma saudade de pedra.

E murmurou baixinho: Ha de ter o presente de sempre.

*

Talho a talho, n'um trabalhar afanoso de todos os dias, nascia do bloco espesso, por bellissimos contornos irreprehensiveis, o busto angelico, a fórma rara da filha.

Nascia; a pouco e pouco, pelos golpes do cinzel inflammado de amor e de saudade, viviam os traços juvenis do seu perfil singelo sem um defeito, radiante como o de uma deusa.

E quanto mais se animava e coloria, mais soffria o estatuario, mais fundo a garra da saudade se lhe internava no peito, com o estertor de um lento supplicio, de todos os dias, de todas as horas.

Desanimava ás vezes. Sentia-se alquebrado por tamanha luta.

Pousava então as ferramentas, e, num extase, contemplando o renascimento da filha, ficava horas a fio, como se, diante de um altar, religiosamente murmurasse os psalmos salvadores da fé christan.

Ao ultimo esforço, não pode resistir.

Tão sentido vibrára o ultimo golpe, que tombou prostrado, perdida a razão, n'um aniquilamento. Trabalhára o dia inteiro.

Levaram-n'o para o leito. Tinha febre. As feições alteradas, mais cadaverico o rosto, languido o olhar, a boca aberta n'um ritus.

Delirios sobrevieram. Monologava, chamava pela filha, pela sua querida estatua. «Sim, ella estava alli, viva, tão bella, elle bem o sabia, fossem buscá-la já; então, porque não iam?!..»

E tombou n'uma pesada modorra. Mais tarde voltou a si; a commoção passára, e, de olhos fitos no tecto, ficou longamente abstracto como um chinez opiado.

A' meia-noite, porém, ergueu-se de subito. Uma lembrança assaltou-o.

Com a doença d'aquella tarde, ficára o retrato sem o beijo de todos os dias, e isso como um grande peccado, a sua maior culpa, pesou em sua alma como um chumbo.

Tomou a vela, e enveredou para o *atelier*

Um silencio pavoroso cobria tudo; apenas, cortando-o com um passo cadenciado de ronda com somno, o velho abalava o soalho, pesado, tropego.

A' porta do *atelier* deu volta á chave. Invadio-o a luz mortíça da vela. Tudo emmergió da penumbra, ao beijo da luz.

Avançou.

Chegou ao pé do busto, fitou-o, approxinou a vela, e recuou, espavorido, livido: a estatua murmurava.

Tornou depois, vacilando

A mão tremia, a chamina oscilava dando movimento a tudo.

Sentio viva a estatua; ella fallava, movia-se; vinha para elle, o corpo muito branco, o olhar vitreo e sem luz, diaphana, n'uma transparencia de nevoa.

Então, n'uma allucinação desvairada, correu para a filha.

Enlaçou-a; ella vivia ainda, sim, ella estava alli palpavel, sentia-lhe a carne moça, o perfume da boca vermelha, e, como um doido, prendendo-a bem nos braços, a gritar convulsivamente, tropeçando em tudo, beijou-a, mordeu-a, suffocando-a, n'uma ancia selvagem.

Então sentio que lhe estalavam os ossos, que ella gemia ao peso de suas caricias, agoniadamente arquejante, sem ar, e que, desfalecendo aos poucos, murmurando o seu nome, tombou a cabeça n'um deslocamento... morta.

Arremessou-a então para longe, fria, gelada, e, numa blasphemia, varado de remorso por tel-a assassinado, a sua pobre filha a quem tanto amára, arrancando os cabellos, atirou pelo quarto o soluço de agonia trevosa, num grito metalico de hydra ferida.

E a rolar pelo chão n'um ruido pesado de fardo que tomba, a boça espumando uma baba viscosa e sanguinea, foi cahir beijando os destroços da estatua, pedaços inertes do seu coração carinhoso, farrapos enregalados da sua immensa saudade.

PLACIDO JUNIOR.

ARDIL

A RAUL POMPEIA

— A que devo o prazer de uma visita a estas horas? perguntou a viscondessa ao entrar na sala, onde, havia quinze minutos, a baroneza castigava o tapete com um pé pequenino e admiravelmente calçado.

Ergueu-se a formosa visitante, e suspirou, alliviada pela presença da amiga intima. Depois dos beijinhos consuetudinarios, sentaram-se ambas.

— O visconde ainda dorme?

— Ainda, e não acordará tão cedo: são apenas sete horas.

— Posso fallar sem receio?
— Estamos completamente sosinhas.

Houve uma pequena pausa.

— Temos então algum mysterio? interrogou a dona da casa, concertando as dobras da sua magnifica bata de rendas brancas. Historias do coração, aposto?

— Do coração? Não sei. Ha quem diga que estas coisas nada têm que ver com elle, mas com a cabeça... Em todo o caso, fazem soffrer horrivelmente!

— A quem o dizes!

— Não durmo ha duas noites... ha tres dias não abro o piano... Amor? — sei lá! Despeito, raiva, talvez...

— Conta-me tudo, disse a viscondessa, enxugando com os labios duas lagrimas que tremeluziam nos olhos da amiga; conta-me tudo. Os meus trinta e nove outomnos estão, como sempre, ás ordens das tuas vinte e cinco primaveras. Adivinho que se trata do Bittencourt.

— Falle mais baixo.

— Não tenhas medo.

— Sim, venho ainda uma vez ao encontro dos seus conselhos... Ha oito mezes a senhora ensinou-me a subjugal-o, a escravisal-o aos meus caprichos, aos meus impetos, ao meu amor; hoje, que elle se mostra arredo, farto e insolente, só a senhora, com a sua experiencia, a sua calma, o seu bom senso, e, sobretudo, a sua amisade, me indicará os meios de reconquistal-o sem triumpho para elle nem humilhação para mim. A senhora teve quatro amantes...

— Tres, interrompeu serenamente a viscondessa; ao quarto não se póde ainda applicar o preterito mais que perfeito: esse está no pleno goso de sua conquista.

— Pois bem, tres, e nenhum d'elles a desprezou; no momento opportuno a senhora desfez-se habilmente de todos tres, sem deixar a nenhum d'elles o direito de dizer, ao vel-a passar pelo braço do visconde: Fui eu que não quiz mais...

Houve outra pausa.

— Imagine, proseguiu a baroneza, imagine que ha mez e meio só tenho estado com elle no Lyrico, durante os espectaculos. Procura, para comprimentar-me, justamente as occasiões em que meu marido está no camarote. Escrevi-lhe duas cartas e um bilhete postal; não tive resposta!

— Que horror! murmurou a viscondessa, profundamente impressionada.

— Vamos... diga-me... aconselhe-me! que devo fazer?... Estou irresoluta... a senhora bem sabe... é o meu primeiro amante...

— Deixa-me pensar, filhinha, deixa-me pensar. Estas coisas não se decidem assim, num abrir e fechar de olhos!

E, depois de reflectir alguns segundos, tamborilando com os dedos nos braços da poltrona, a viscondessa inquerio com a seriedade de um velho ad-

vogado, compromettido a defender causa importante:

— Vejamos: o Bittencourt, segundo me consta, contrahio ultimamente uma divida de gratidão com teu marido...

— Sim, creio que sim... O barão, ao que parece, interveio com muito empenho para que lhe dessem aquelle bello emprego...

— Uma verdadeira sinecura.

— Mas... que tem isso?

— Tem tudo, filhinha: a moral facil d'esses senhores prohibe-lhes que sejam amantes da mulher, desde que devam favores ao marido.

— Quer isso dizer que taes favores são pagos á custa do nosso amor proprio...

— E do nosso proprio amor: o sacrificio é todo nosso! Podem limpar a mão á parede com a sua moral!

— Mas, por fim de contas, que devo fazer?

— Guerrear e vencer os escrupulos tolos do teu amante! Para isso é indispensavel que elle te escreva. *Verba volant, scripta manent.*

— Não sei latim.

— Quero dizer que nenhum homem, por mais intelligente, soube até hoje redigir uma epistola de amor sem se comprometter. Na sua carta o Bittencourt fatalmente renovarâ promessas, e o seu cavalheirismo — o seu cavalheirismo pelo menos — o obrigará a cumpril-as. E quando o vires de novo rendido a teus pés, manda-o passear; não nos convêm esses amantes que fazem *pose* da sua falsa dignidade.

— Mas, pelo amor de Deus, viscondessa! Não lhe acabo de dizer que as minhas cartas têm ficado sem resposta?

— A que lhe vaes escrever agora não ficará sem ella. Tenho um ardil que ha tempos empreguei com optimo resultado. Vem cá, acompanha-me.

A doutora levantou-se e dirigio-se para um gabinete contiguo. A baroneza acompanhou-a.

— Senta-te, e escreve o que te vou dictar.

*

No dia seguinte o Bittencourt recebia um bilhete concebido nos seguintes termos:

« Tenho-lhe escripto tres cartas, e de nenhuma recebi resposta. Não me queixo, perdão: o senhor deve andar muito preocupado com o seu novo emprego, e ha momentos, parece, em que todo o homem honesto é obrigado a sacrificar os seus affectos aos deveres e ás responsabilidades da vida pratica. Pa-
ciencia.

« Entretanto, como o senhor agora já deve estar mais folgado, tem por fim esta carta pedir-lhe a resposta das outras. — Sua *quand même*, L.

« *Post-scriptum.* — Ha aqui no meu bairro grande difficuldade em obter sellos do Correio, e, para evitar suspeitas, não quero mandar buscá-los á cidade. Peço-lhe que, com os cinco mil réis que inclusos encontrará, compre cincoenta sellos de tos-

tão e m'os remetta dentro de sua carta quando me responder. — Sua, L.»

*

E ahi está como o Bittencourt voltou, forçado por uma nota de cinco mil réis!

ARTHUR AZEVEDO.

MORTE DE AMOR

Morro porque me matas, ser bemvindo
A' terra para seres meu tormento;
Sinto-me a vida aos poucos se delindo
Neste martyrio suave e truculento.

Morro porque inda vivo, pois fruindo
O doce mal de amor, experimento
A um só tempo a tortura e o goso infindo
Que vive em quanto vive o sentimento.

Porque viver, se essa delicia imensa
Não me allivia a dor empedernida
De desejar-te, que nada ha que vença?

Porque morrer, se, elada e transfundida
Em tua alma a minh'alma vive e pensa
Nessa «morte de amor melhor que a vida»?

C. BRUNETO.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

VI

(Continuação)

Lucio não se fez rogar e seguiu a *cicerone*. Ao entrar no quarto de Dolores, não poudo a principio orientar-se. Reinavam alli as sombras das madrugadas de inverno. Era necessario esperar que os olhos se habituassem á luz coada pela fresta da janellas cautelosamente occultas por cortinados fortes e espessos.

Depois de alguns segundos, ouviu a voz de alguém que o cumprimentava, e approximou-se do leito de Dolores. Nesse instante uma prudente mão entreabriu os cortinados, dando ao tom de luz, que fraco era antes, a intensidade triste que especialisa os dias chuvosos de Montevideo. Carmen, que fôra contraregra e autora

de toda a mutação de scena, sunio-se modestamente na penumbra e cumprimentou como quem receiava perturbar o silencio d'aquelle quadro tristonho.

Foi então que no espirito do moço surgiram todos os conselhos de Carrero. Correspondeu ao cumprimento de Carmen e acercou-se da doente. Dolores estava artisticamente sentada. O busto vestia um trajo de veludo preto emquanto a coberta azul celeste subia dos pés até vir cruzar-se na altura dos rins.

O leito, no estylo Luiz XV. era espaçoso e elegante, envernizado a cera e a imitar o ebano. Na cabeceira, sobre os cabellos de Dolores, via-se a imagem do Crucificado, trabalhada em marfim, e de quando em quando a balancear, como se por ventura o Christo respondesse negativamente a todos os pensamentos d'aquella bella mulher, todas as vezes que um movimento de Dolores fazia oscilar a cama.

Lucio entregou-se ás funcções do seu sacerdocio; interrogou, auscultou, pedio papel e tinta e prescreveu um medicamento inoffensivo.

— Esta mulher ou é uma feiticeira ou é uma comediante vulgar! — pensou ao tempo que ia formulando o *recipe*. Um defluxo foi o sufficiente para pôr toda a casa em um estado de sitio.

O coronel nem sequer estava presente. E' que de lia muito conhecia a mulher e os seus exageros; por isso, pouco valor deu ao queixume da doente, consentindo mesmo que mandassem chamar o Dr. Lucio, ideia esta apresentada por Dolores e que, com indifferença, merecera a approvação do coronel.

O medico tem obrigação de ter espirito, e máo clinico é aquelle que, depois de formular a dóse mortal ou salvadora, não sacrifica cinco minutos ao *calembour* e aos deveres hygienicos.

Foi por esta razão que Lucio encetou a conversa com a mesma banalidade com que geralmente o fazem todos os medicos:

— Não tenha medo, minha senhora; não é facil morrer nas condições de sua resistencia physica.

Dolores respondeu com um prolongado suspiro, pedindo ao mesmo tempo que Deus o fizesse quanto antes. Já estava satisfeita de viver. Carmen já era moça; não precisava de ninguem; mais dias, menos dias, casava-se; e se ella havia de ficar *para ahi*, abandonada, mais valia morrer.

E accrescentava: Nunca tive medo da morte; não sou cobarde.

Lucio nem sequer pretendeu responder a esta ladainha de todas as mulheres vulgares, que fallam com saudades da morte e encommendam-se n'este mundo aos bons cuidados das *mayonnaises*.

Houve um intervallo de silencio.

Carmen continuava modestamente a ouvir toda a dissertação da doente, e, talvez a rir-se comsigo d'aquellas expansões de poesia avelhantada.

Intrigou-a o abandono que por si manifestava o seu antigo companheiro de infancia.

Com effeito, Lucio poucas vezes lhe dirigira a palavra; entretanto, todas as atenções elle as applicava em Dolores.

Carmen não podia adivinhar o proposito d'essa tactica. Lucio, sem suspender a conversa, deu-se a um estudo de observação, á *pose* artistica de Dolores.

A posição da doente era, em verdade, das mais estudadas. As mãos cruzavam-se-lhe na altura do seio. Os dedos destacavam-se sobre a côr preta do velludo; tinham a pallidez do cadaver, se bem que lhes faltasse a rigidez. Eram cuidados com todo o carinho de mulher que sabe dar importancia e valor ás bellas mãos que possui. Se Lucio pudesse tomal-as de surpresa e leval-as á altura do rosto, aspiraria o aroma particular do *coldcream* e dos pós de *Ninon*.

Era um verdadeiro effeito theatral.

Essas bellas mãos, entrelaçadas e como que em postura de quem faz oração, com um requinte de fervor e de conforto, foram alvo dos olhares praticos do joven medico.

Elle tinha indole de artista; não lhe podia passar despercebida aquella minucia de encenação.

Os olhares da seductora, favorecidos pela meia tinta de luz, conservavam-se brilhantes na penumbra. Eram synonymos dos de Carmen, com mais habilidade, malicia e experiencia. Esta particularidade captou do observador um sorriso de approvação. Todos estes effeitos haviam sido anteriormente calculados pela *enferma*.

Como as mãos, os olhos participavam dos retoques mimosos do lapis mysterioso.

Dolores rasgara-os com dous bem calculados traços de um *carvão* apropriado ao effeito, e as sobrancelhas, bem espessas, arquejavam-se com a maior regularidade geometrica.

Dir-se-ia que a actriz d'essa pequena comedia descrevera com um compasso magico aquelles invejáveis arcos de circulo que serviam de paraluz á ardentia do olhar.

Foi a perda de Lucio e a estrategia de um anjo máo, fatidico.

O moço em rapido exame acreditou que n'aquella *pose* predominava a naturalidade e *in petto* applaudio.

— Em todo o caso — pensou, fazendo um movimento de pessoa que se revolve entre as azas de uma tenaz em braza — esta mulher é capaz até de seduzir.

Foi a dentada do desvario.

(Continúa.)

ALFREDO BASTOS.

CONSELHO

Ratio et consilium in senibus est.

Aconselho á valente juventude,
Sadia, vigorosa, intelligente,
Que aceite de lições tarefa urgente;
Estude, estude, estude, estude, estude.

Nos mappas descremine a latitude,
Saiba o que é raio, saiba o que é tangente;
Dos paizes conheça a varia gente,
As industrias, costumes e virtude.

A memoria do velho se enfraquece,
O successo mais proximo se esquece,
Só se sabe o que cedo se aprendeu.

E eu, se tive qualquer habilidade
Nos escriptos de minha mocidade,
Hoje estou lerdo, estúpido, sandeu.

Padre CORRÊA DE ALMEIDA.

Barbacena, fevereiro de 1893.

THEATROS

No Polytheama tivemos, além das *Duas princezas*, de Caballero, a *Lenda do monge*, pequena zarzuela de Chapi, que fez grande *successo* na Hespanha. A musica é realmente agradabilissima e o *libretto*, de Orniche e Canto, é engraçado e engenhoso. A senhorita Cifuentes e outros artistas foram muito applaudidos. A orchestra portou-se regularmente. Os córos é que estiveram de uma insubordinação que nem na brigada policial.

*

No Apollo fez-se uma *reprise* do *Tribofe*, revista de 1891, de Arthur Azevedo, musica de Assis Pacheco. Alguns papeis, desempenhados agora por outros artistas que não os da primitiva, ganharam com a troca. Preferimos a Frivolina marca Villiot á Frivolina marca Plá. O Sr. Eusebio, sua mulher e seus filhos são perfeitamente representados por Brandão, Clelia, Gabriella Montani e Adelaide Lacerda. Machado e Bahia são impagáveis nos seus papeis episodicos. E' de justiça mencionar Henrique Machado, que desempenhou brilhantemente o papel de Gouveia, e uma estreante, Mlle. Lechevalier, a quem estão reservadas muitas glorias nos nossos theatrinhos de trololó. Outra estreante, a Sra. Betina de Oliveira, deve cuidar de outra vida. O Apollo estava cheio e o publico applaudio com entusiasmo.

X. Y. Z